

01

ENTREVISTA COM CLÁUDIA LEMES

Ana Resende

Ana Resende

Doutoranda em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Sua pesquisa é financiada pela CAPES.

Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2004.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4379691112134995>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-1294-0740>.

E-mail: hoelterlein@gmail.com.



Neste número dedicado à literatura do medo de autoria feminina, a revista *Abusões* traz uma entrevista com Cláudia Lemes, escritora de *thrillers* e de narrativas de horror e fundadora da Associação Brasileira de Escritores de Romance Policial, Suspense e Terror (ABERST). Nos últimos anos, os contos e romances de Lemes têm sido discutidos por pesquisadores de literatura brasileira graças ao diálogo que ela estabelece com o imaginário literário e audiovisual de horror, que não foge da denúncia da violência cotidiana praticada contra as mulheres: “Eu vivia alguns horrores dentro de casa, e o horror da ficção era mais palatável”. Após quase dez anos da publicação de seu primeiro romance, *Eu vejo Kate* (2014), a escritora reconhece que seu pioneirismo abriu portas para outras autoras fazerem o mesmo, mas que foi a maturidade como mulher e escritora que lhe permitiu ter a coragem de falar sobre sexo e violência explícitos: “Parei de pedir desculpas – eu escrevo sobre o que quero escrever”.

P.: Cláudia Lemes, você é escritora de *thrillers* e de narrativas de horror, fundadora da ABERST, editora, roteirista, publisher, mas principalmente é uma voz representativa no âmbito da literatura de medo produzida por escritoras brasileiras na atualidade. Você poderia nos contar onde, quando e como surgiu seu interesse pela literatura de medo?

R.: Eu não consigo me lembrar de uma época em que não gostava de horror. Desde criancinha, gravito em direção ao que assusta. Os primeiros livros que me fílgaram foram os da série da Angela Sommer-Bodenburg, *O pequeno vampiro*. Passei anos da minha infância lendo e relendo todos os livros da coleção. E havia também os filmes *slasher* que eu vi sem a mínima preocupação dos meus pais, que iam de *Halloween* a *A hora do*

pesadelo, passando por alguns *gialli* italianos e suspenses de Hitchcock. Eu vivia alguns horrores dentro de casa, e o horror da ficção era mais palatável.

P.: Em 2019, você organizou a antologia *Mulheres vs. monstros*, que tinha como proposta celebrar o protagonismo feminino em narrativas literárias e audiovisuais. Cada um dos onze autores participantes contribuiu com um conto inédito e um relato em que explicava o motivo da escolha da homenageada. Como observou o pesquisador Oscar Nestarez (2022), esse “aparato textual constitui um relevante documento de referências de escritoras e escritores nacionais de horror”, e ele destacou o seu relato como um dos seis contos que se inspiraram em narrativas cinematográficas e televisivas. No conto “Um invasor”, você homenageia Laurie Strode, vivida pela então jovem atriz Jamie Lee Curtis, no filme *Halloween* (1978), de John Carpenter. Qual a importância do cinema para a sua escrita?

R.: A figura do Michael Myers, assassino mascarado de *Halloween*, me parece tão simbólica, tão carregada de significado, que não pude evitar me apaixonar por ele de certa maneira. Eu sempre tive pesadelos com homens mascarados me perseguindo ou observando, e quando fiquei mais velha e li *Mulheres que correm com os lobos*, me reconheci no trecho: “O homem sinistro nos sonhos das mulheres aparece quando é iminente uma iniciação”. Clarissa Pinkola Estés menciona esse tipo de sonho como um chamado para a criatividade, para a libertação da mulher por meio do exercício de sua arte, e isso ressonou dentro de mim. Mas eu divago aqui, perdão. O cinema é de

extrema importância para a minha escrita, pois embora não tenha sido a primeira mídia de horror a me tocar, foi a mais poderosa. Filmes de terror impressionam crianças de uma maneira permanente e transformadora. Eles continham tudo o que me fascinava e amedrontava: sexo, violência, sobrevivência, morte. O curioso é que com o tempo, meu interesse diminuiu um pouco. Hoje vejo pouquíssimos filmes de horror por ano, embora ainda tente replicar nas minhas obras a estética e sensações daqueles filmes da minha infância.

P.: Schøllhammer (2013, p. 27) argumenta que, no Brasil, cenas de violência se tornaram cotidianas e aumentaram não apenas em número, mas também em brutalidade. A literatura parece ter acompanhado essa escalada de violência, com obras que apresentavam situações cada vez mais horríveis e brutais ambientadas, muitas vezes, em espaços ordinários e ocorridas no dia a dia. No que diz respeito à violência voltada às mulheres, o feminicídio parece ser um tema incontornável na obra de escritoras brasileiras do século XX e também do XXI (cf. GOMES, 2013; 2021). Suas obras não fogem desse tema; pelo contrário, denunciam e confrontam a violência contra a mulher. Poderia falar mais a respeito?

R.: Eu cresci num lar extremamente abusivo e com muita violência. Muita. E em tudo o que eu consumia de filmes e livros, a vítima de violência era quase sempre a mulher. Enquanto os homens nos *slashers* morriam de maneiras criativas e com uso de armas diversas, as mulheres morriam em contextos sexuais, e isso me intrigava. Descobri que elas eram odiadas pelo seu gênero, punidas por ousarem fazer sexo nos seus termos, e não

apenas para se submeter ao homem. Quando passei seis anos da minha adolescência no Egito, tive noções da religião como desculpa para a misoginia – tão escancarada e orgulhosa – da nossa sociedade. E pior, fui confrontada com uma mensagem clara dos homens ocidentais quando as redes sociais passaram a fazer parte da minha vida: “Não reclamem, pois já foi pior e em alguns lugares é pior, então cale a boca e aceitem a liberdade que já permitimos a vocês”. Não importa o quanto alguns homens tentem negar o machismo estrutural, os números não mentem. Quando escrevo, já que escrevo sobre temas que me interessam, eu tento mostrar essa realidade. Eu conheço bem a violência doméstica, então tento mostrar ao leitor o que ela é. Eu conheço a violência sexual, e tento mostrar para o leitor o que ela é. Eu estudei profundamente – e carrego cicatrizes emocionais horrendas – o tráfico humano e o abuso infantil, e tento falar sobre isso também. Eu não consigo enxergar uma maneira de mudar isso sem mostrar para as pessoas esse horror. Trabalho meus traumas por meio da minha arte e não peço desculpas por isso. Por muitos anos, fui atacada pelo nível de violência e sexo presente nos meus textos. Hoje eu parei de pedir desculpas – eu escrevo sobre o que quero escrever.

P.: Durante muito tempo escritoras que escreviam sobre temáticas como crime e violência urbana se mostravam reticentes em assumir que escreviam *thrillers* e romances policiais. Basta pensar em Patrícia Melo, que recusou esse tipo de associação até, pelo menos, a publicação de *Fogo-fátuo* (2014), que tem uma perita como protagonista.

Em 2016, em entrevista concedida a esta revista, Patrícia afirmou que só então o mercado literário brasileiro vivia o “boom do romance policial”, resultado de termos finalmente “uma cultura urbana [...], [...] uma realidade violenta, e [...] editores dispostos a investir em jovens autores”. Em 2014, você publicou de forma independente o romance *Eu vejo Kate*, sobre um assassino em série. Poderia falar sobre os desafios de publicar um romance com essa temática?

R.: Todo o processo de *Eu vejo Kate* foi espontâneo e inconsequente – eu o escrevi como uma adolescente revoltada, embora já tivesse 34 anos e dois filhos. Estava de luto pela minha mãe e furiosa com o mundo. Eu havia estudado assassinos em série por mais de dez anos, por curiosidade. O livro foi quase como uma reação química. Saiu em sete dias. Saiu cru, com muitos problemas de estrutura e narrativa, mas continha muitas verdades. Acho que essas verdades encontraram um público ávido por elas, e esse público passou a ler e indicar a obra. Não era minha intenção, e se eu imaginasse que seria lido a ponto de esgotar duas tiragens – e que meu nome seria associado ao livro para sempre – eu certamente não conseguiria ter escrito o que escrevi. O livro é amado por muitos e odiado por alguns, a ponto de pessoas criarem perfis *fakes* para me atacar, usando trechos do livro como armas, e me perseguindo nas redes sociais por muitos anos. Aos poucos eu me acostumei, amadureci e trabalhei para chegar aonde estou hoje. Minha escrita está mais madura e certamente mais comercial, mas trabalhei muito para manter a coragem de falar o que quero – mesmo que não caia bem

com alguns leitores ou editores. Eu continuo escrevendo sobre os mesmos temas, e tenho orgulho de ter aberto certas portas para outras autoras fazerem o mesmo. Não porque fui a primeira – não fui. Mas porque fui a primeira a, ao enxergar que as mulheres não eram bem-vindas ao clube, fazer algo a respeito, como a criação da ABERST e do Prêmio ABERST de Literatura, que premiou e divulgou autoras como Larissa Brasil, Karine Ribeiro, Larissa Prado, Fabiana Ferraz, Ana Lúcia Merege, Allana Dilene, Andrea Nunes, Iza Artagão, Vera Carvalho Assumpção e outras. Depois da ABERST, vários coletivos de mulheres autoras desses gêneros começaram a se formar, e isso é maravilhoso.

P.: Nos últimos anos, a literatura de medo de escritoras brasileiras tem sido objeto de estudo de pesquisas acadêmicas em diversas áreas. A tese *Uma história da literatura de horror no Brasil: fundamentos e autorias* (2022), de Oscar Nestarez, é um exemplo desse interesse da academia por um tipo de literatura que até pouco tempo atrás era chamado de “literatura de aeroporto”, isto é, uma literatura de consumo rápido e esquecível. Em sua opinião, o que foi que mudou na maneira como essas obras são recebidas pelo meio acadêmico?

R.: Essa pergunta é um gancho de esquerda, pois minha relação com o meio acadêmico é distante, desconfiada. Eu nunca consegui seguir uma carreira acadêmica – saí de casa cedo, tive filhos cedo e tive que trabalhar e cuidar de crianças num ritmo alucinado nos últimos vinte anos (meu primogênito tem 18 anos, meu caçula tem 6), de forma que precisei me

contentar em estudar por conta própria durante a madrugada e fazer alguns cursos avulsos. Nem a pós-graduação eu consegui terminar. Portanto, fica difícil saber o que mudou num meio que nunca frequentei. Corro o risco de falar besteira ao responder por instinto, mas prefiro oferecer uma resposta: as pessoas no meio acadêmico hoje são as mesmas que escrevem essas obras e são apaixonadas por elas, e perderam a vergonha de dizer isso. Talvez elas estejam mudando o meio acadêmico de dentro para fora. Como o Oscar Nestarez. Como o Cristhiano Aguiar. Como a Úrsula Antunes, a Day Celestino, o Daniel Gruber, a Irka Barrios...

P.: Você poderia falar sobre as suas referências literárias e a importância delas para a sua escrita?

R.: Ah, eu leio de tudo, sempre li. Tive o privilégio de ser criança e adolescente numa época em que não havia meta de leitura, redes sociais e outras pressões. Eu lia qualquer coisa que estivesse disponível, e tive a sorte de estudar por seis anos numa escola liberal, que incentivava não apenas a leitura de clássicos, mas também de livros que haviam sido proibidos no passado. Da minha rotina, participavam obras tão variadas quanto *A letra escarlate*, *Carrie* e *A fantástica fábrica de Chocolate*. Mesmo assim, as obras mais pesadas sempre me encantaram, e Anne Rice, Stephen King, Clive Barker e James Ellroy me influenciaram muito. Para exemplificar minha veia eclética, os últimos três livros que li foram *O bebê de Rosemary* (horror), *Tired as Fuck* (autoajuda) e *Cybill Disobedience* (autobiografia).

P.: Nós gostaríamos de agradecer por você ter respondido às nossas perguntas. Você gostaria de compartilhar mais alguma coisa com os leitores?

R: Acho que seria oportuno pedir aos leitores que fizessem um esforço consciente contra seus preconceitos. Crescemos com tantas ideias deturpadas sobre o que é certo e errado que é impossível não manifestarmos essas ideias, mesmo que subconscientemente, quando estamos lendo. Não deveria existir moralismo na literatura. Não deveria existir tabu. Não deveria haver regras tácitas sobre o que uma mulher pode ou não escrever, ou sobre o que é aceitável na literatura gringa, mas não na nacional. Antes de atacar uma mulher pelo que ela escreveu, acho que vale a reflexão: se o autor fosse homem, eu estaria tão revoltado? Eu o perseguiria nas redes sociais? Eu usaria tanto do meu tempo livre para encontrar maneiras de me manifestar contra ele? E todos nós já sabemos a resposta.

REFERÊNCIAS

FRANÇA, Júlio; SASSE, Pedro Puro. Entrevista com Patrícia Melo. *Revista Abusões*. v. 3, Set., 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/abusoes/article/view/26220>. Acesso em: 4 jan. 2023.

GOMES, Carlos Magno. Marcas da violência contra a mulher na literatura. *Revista Diadorim*. Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. v. 13, Jul., 2013. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3981/15576>. Acesso em: 12 set. 2022.

LEMES, Cláudia. Mulheres que sonham com monstros. In: LEMES, Cláudia (Org.). *Mulheres vs. monstros*. São Paulo: Monomito Editorial, 2019.

LEMES, Cláudia. Um invasor. In: LEMES, Cláudia (Org.). *Mulheres vs. monstros*. São Paulo: Monomito Editorial, 2019.

NESTAREZ, Oscar. *Uma história da literatura de horror no Brasil: fundamentos e autorias*. 2022. 198 f. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Cena do crime: violência e realismo no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.